

Liliane Perroud Miilher¹
Fernanda Dreux Miranda Fernandes¹

Descritores

Linguagem
Transtorno autístico
Estudos de linguagem
Comunicação
Fonoaudiologia

Keywords

Language
Autistic disorder
Language arts
Communication
Speech, language and hearing sciences

Considerando a responsividade: uma proposta de análise pragmática no espectro do autismo

Considering responsivity: a proposal for pragmatic analysis in autism spectrum

RESUMO

Objetivo: Comparar o perfil pragmático das iniciativas de comunicação e o perfil bidimensional envolvendo os aspectos de iniciativa e responsividade. Além disso, buscou-se analisar os tipos mais comuns de resposta apresentadas pelos indivíduos pesquisados. **Métodos:** Foram analisadas trinta gravações de terapia fonoaudiológica, nas quais as terapeutas interagem com crianças do espectro do autismo (média de idade: 9 anos e 6 meses). As filmagens foram transcritas e os dados derivados foram analisados quanto ao número de atos comunicativos, à ocupação do espaço comunicativo e ao uso dos meios verbal, vocal e gestual nas iniciativas e no total de participações (iniciativas e respostas). As respostas apresentadas foram qualificadas como: não resposta, resposta adequada, resposta inadequada e resposta pragmaticamente inapropriada. **Resultados:** Houve diferença na comparação entre as iniciativas e o total de participações no que concerne à ocupação do espaço comunicativo e no total de atos. Quanto às respostas, houve diferença no número de respostas adequadas. **Conclusão:** Os resultados evidenciaram a necessidade de considerar o perfil bidimensional de comunicação e ressaltaram a necessidade de qualificar as respostas a fim de discriminar as habilidades comunicativas da criança.

ABSTRACT

Purpose: To compare the pragmatic profile referring to the communicative initiatives and the bi-dimensional profile involving the aspects of initiative and responsivity. It also aimed to analyze the most common types of responses presented by the studied individuals. **Methods:** Thirty recorded samples of interaction between speech-language therapist and children with autism spectrum disorders (mean age: 9 years and 6 months) sessions were analyzed. The samples were transcribed and data analyzed about number of communicative acts, occupation of the communicative space, use of communicative means (verbal, vocal and gestural) and total number of participations (initiatives and responses). The responses were qualified as “non-answer”, “adequate answer”, “inadequate answer” and “pragmatically inappropriate answer”. **Results:** Significant differences in the comparison of the numbers of initiatives and total participations and of occupation of communicative space and total number of communicative acts. There was also a significant difference in the number of “adequate answers”. **Conclusion:** Results show the need to consider the bi-dimensional communicative profile and qualify the answers in order to determine the child’s communication abilities.

Endereço para correspondência:

Liliane Perroud Miilher
R. Cipotânea, 51, Cidade Universitária,
São Paulo (SP), Brasil, CEP: 05360-000.
E-mail: li.milher@usp.br

Recebido em: 21/5/2012

Aceito em: 15/10/2012

Trabalho realizado no Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo – USP – São Paulo (SP), Brasil.

(1) Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo – USP – São Paulo (SP), Brasil.

Conflito de interesses: Não

INTRODUÇÃO

Descrito há mais de 60 anos, o autismo é visto atualmente como um distúrbio global do desenvolvimento que afeta as áreas cognitiva, social e linguística. Ainda que a tríade mencionada sempre seja afetada em algum grau, as manifestações são bastante diversas de indivíduo para indivíduo. A linguagem pode estar afetada em diferentes níveis, especialmente nos aspectos pragmáticos^(1,2), e é encarada como um importante elemento de prognóstico^(3,4).

A competência pragmática envolve conhecimentos da estrutura da língua, bem como as normas que regem o comportamento social e de conhecimento de mundo^(5,6), ela também pode ser vista como um sistema de interpretação dos fenômenos do mundo e das ações humanas⁽⁷⁾; nessa perspectiva vê-se uma estreita ligação com a ideia de cognição social e a capacidade de compreender os sinais não verbais e fazer inferências complexas sobre o comportamento, pensamento e crenças dos outros⁽⁸⁾. Há diferentes formas de avaliar os aspectos pragmáticos⁽⁹⁻¹¹⁾, desde as análises dos atos de fala, até a descrição da macroestrutura de conversa⁽¹²⁻¹⁷⁾.

O ato comunicativo é a principal unidade de análise pragmática quando o monólogo é focado, ou seja, quando se deseja observar o que o locutor disse em seu turno, independentemente da organização geral do diálogo⁽¹⁸⁾. Tais atos podem ser estudados com relação a sua estrutura de língua, às suas intenções (sendo este o foco das análises) e aos efeitos provocados no ouvinte. Contudo, os atos analisados são, necessariamente, aqueles que se encaixam dentro de uma ideia de assertividade. A importância de iniciar trocas comunicativas, especialmente nos quadros do espectro do autismo, reside no fato de que o locutor mostra uma intenção de se relacionar com o outro, usando para isso, os recursos que ele tem disponível. Tal intenção é o ponto de intersecção entre o desejo de se comunicar, o anseio de se fazer entender e a compreensão dos mecanismos sociais necessários a efetivar tal plano. Assim, as iniciativas mostram-se como um lugar privilegiado da união entre o indivíduo e o outro.

Entretanto, as trocas comunicativas tem dois lados. De um, a iniciativa, de outro, a responsividade⁽¹⁹⁾. Uma troca só se efetiva se os participantes compartilharem entre si um núcleo interacional comum⁽²⁰⁾. No diálogo isso se efetiva através de um ajuste entre as falas, os silêncios e os elementos não verbais^(21,22). Uma colocação sem resposta é encarada como um fracasso pelo comunicador inicial, portanto, muitas das respostas tem um importante valor de manutenção do núcleo comunicativo. Alguns autores^(18,21) tem estudado a questão da responsividade em crianças com distúrbio pragmático de linguagem. Os autores propuseram quatro tipos de ajuste entre a fala precedente e a resposta do segundo locutor. Com isso, buscaram compreender o grau de harmonia que se estabelece entre os interlocutores. Responder significa entender a fala precedente, ter interesse em continuar a conversa, desejar dar novas informações e garantir o respeito à troca de turno. Dessa forma, responder é – tal como as iniciativas – outro lugar privilegiado da união entre o indivíduo e o outro.

A fim de ampliar nossa compreensão atual sobre o processo

de comunicação de crianças do espectro do autismo, este estudo teve como objetivo comparar o perfil pragmático das iniciativas de comunicação e o perfil bidimensional envolvendo os aspectos de iniciativa e responsividade. Além disso, buscou analisar os tipos mais comuns de resposta apresentadas pelos indivíduos pesquisados.

MÉTODOS

A pesquisa foi aprovada pela Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa (CAPPesq) do Hospital das Clínicas e da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, sob protocolo número 091/10.

Foram utilizadas 30 gravações de dez diferentes pacientes (sendo três gravações por paciente) como corpus desta pesquisa. Todos os sujeitos tiveram seu diagnóstico realizado por médicos psiquiatras segundo os critérios propostos no DSM-IV⁽²³⁾ e na CID-10⁽²⁴⁾. Foram mantidas as nomenclaturas descritas nos relatórios médicos, conforme mostra o Quadro 1. Todos os sujeitos foram avaliados e frequentavam terapia fonoaudiológica no Laboratório de Investigação Fonoaudiológica nos Distúrbios do Espectro do Autismo do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo durante a realização do estudo. Nenhum deles apresentou qualquer comorbidade médica ou queixa em relação à audição. O critério de inclusão na amostra foi o uso espontâneo de linguagem oral, visto ser este o foco da presente pesquisa.

Dos dez sujeitos participantes, apenas um era do gênero feminino (Quadro 1). Todos interagiram com terapeutas mulheres, sendo que estas estavam inseridas no programa de Aprimoramento Profissional em Distúrbios Psiquiátricos da Infância do Hospital das Clínicas.

Foram utilizadas as gravações de três situações terapêuticas, nas quais as terapeutas interagiram com os sujeitos seguindo orientações quanto ao material e apresentação inicial da proposta. Todas as gravações foram realizadas no segundo semestre dos anos de 2009 e 2010, época na qual as díades se conheciam há, pelo menos, seis meses. Este quesito foi respeitado em todas as gravações a fim de, na medida do possível, diminuir o impacto da variável referente à familiaridade do interlocutor⁽²⁵⁾.

As filmagens utilizadas foram realizadas especificamente para este estudo e respeitaram as orientações gerais dadas pela pesquisadora, envolvendo propostas abertas, nas quais foi permitido (e estimulado) que a díade criasse novas situações lúdicas. As propostas referiam-se a três situações lúdicas (festa de aniversário, criar uma história a partir de um livro-brinquedo e ensinar a montar objetos a partir do manual do brinquedo) com demandas diferentes (respectivamente: demanda social, linguística e cognitiva).

Para a investigação dos atos comunicativos foi utilizado o Perfil Funcional da Comunicação, derivado do Protocolo de Registro da Pragmática⁽²⁶⁾. Além das funções, foi analisado o meio comunicativo utilizado em cada ato: meio verbal (quando a emissão possuía, pelo menos, 75% dos fonemas da língua), meio vocal (quando as emissões não atingiam o patamar de 75% de fonemas da língua) e meio gestual (englobando os movimentos de corpo e face).

Quadro 1. Dados dos sujeitos da pesquisa e ordem de filmagem

Sujeito	Sexo	Idade	Terapeuta	Diagnóstico
1	masculino	11a5m	A	Autismo
2	masculino	6a4m	B	Autismo de alto funcionamento
3	masculino	6a2m	B	Síndrome de Asperger
4	masculino	5a6m	C	Síndrome de Asperger
5	masculino	13a2m	D	Espectro do autismo
6	masculino	6a0m	B	Autismo de alto funcionamento
7	masculino	16a8m	E	Espectro do autismo
8	feminino	13a1m	E	Autismo atípico
9	masculino	7a5m	A	Espectro do autismo
10	masculino	11a0m	B	Espectro do autismo
Média		9a6m		

Legenda: a = anos; m = meses

Após a gravação e transcrição dos dados foi realizado o levantamento da incidência de cada função e meio, além da porcentagem de ocupação do espaço comunicativo, número de atos comunicativos/minuto e porcentagem de atos comunicativos expressando funções interpessoais. Para os fins desta pesquisa foram consideradas as informações referentes aos meios comunicativos e à ocupação do espaço comunicativo.

O Perfil Funcional da Comunicação avalia as iniciativas comunicativas dos interlocutores; contudo os aspectos conversacionais abarcam não somente as iniciativas, mas também o quão responsivo um interlocutor é à fala do outro.

Para avaliar a responsividade foram consideradas as seguintes categorias de respostas⁽²¹⁾:

- Não resposta (NR): considerada quando, claramente, foi dada ao sujeito a oportunidade de responder e ele não fez uso de tal oportunidade;
- Resposta adequada (RA): foi considerada quando houve ajuste entre a pergunta precedente e a resposta;
- Resposta inadequada (RI): considerada quando a resposta oferecida não foi totalmente satisfatória devido a questões de limitação linguística, incompreensão e questões gerais relacionadas ao conhecimento de mundo;
- Resposta pragmaticamente inapropriada (PI): considerada quando não houve um bom ajuste entre o contexto social e comunicativo da resposta em relação à solicitação.

A categorização como não resposta (NR) encerrou algumas dificuldades de análise. Em primeiro lugar, diferentes dos outros tipos de resposta, esta é definida pela ausência, enquanto as demais são pela presença de determinada característica. Em segundo, avaliar a ausência de uma resposta significa garantir que foi dada oportunidade ao interlocutor de tomar o turno para responder. Em terceiro lugar, mesmo com a ocorrência de troca de turno, um interlocutor pode escolher não responder, ou por optar ignorar o questionamento, ou ainda por julgar necessário iniciar um novo tópico, concatenando ideias. Em vista dessas dificuldades – presentes no cotidiano conversacional – optou-se, nesta pesquisa, pela estrita classificação de NR quando houve

uma quebra comunicativa motivada pela ausência da resposta esperada. Assim, mesmo nas situações em que um interlocutor perguntava algo ao outro e o outro não respondia, isso não foi suficiente para classificar uma NR, sendo o critério principal a presença de quebra conversacional motivada pela ausência de resposta.

Com a contabilização das respostas, o protocolo de Registro da Pragmática foi ampliado a fim de contemplar os seguintes itens (Anexo1):

- Tipos de resposta;
- Número total de participações (incluindo as iniciativas e as respostas);
- Porcentagem do tipo de participações (iniciativas e respostas);
- Espaço comunicativo (tanto o das iniciativas quanto o geral – iniciativas e respostas);
- Meio comunicativo, tanto o utilizado nas respostas quanto o geral (iniciativas mais respostas).

A análise do Perfil Funcional da Comunicação lida com as iniciativas de comunicação e os itens de responsividade lidam com as respostas. Foi criado um item nomeado como “total de participações” que abrangeu tanto as iniciativas quanto as respostas. Assim, após o preenchimento do protocolo original e das informações de responsividade, um programa especialmente desenvolvido para isso calculou os seguintes itens referentes às participações: uso geral dos meios comunicativos; porcentagem de iniciativas e de respostas; ocupação do espaço comunicativo. O cálculo deste último item levou em conta o total de participações do outro interlocutor, garantindo fidelidade ao cálculo.

Os dados foram comparados entre si através da aplicação da Análise de Variância – Anova. O nível de significância adotado foi 0,05 (5%). Nas situações em que houve significância estatística foi realizado o Teste T de Student para analisar qual par de variáveis foi responsável pela diferença encontrada.

RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta os valores da média e variância das participações, iniciativas e respostas dos sujeitos na interação.

A comparação entre o número de iniciativas e número total de participações (isto é, a soma das iniciativas com as respostas) evidenciou diferença estatística. Este resultado evidencia a diferença entre considerarmos os aspectos assertivos ao invés de observarmos o duplo movimento comunicativo: iniciativas e respostas.

A Tabela 2 mostra o uso dos meios comunicativos. Os valores entre parênteses referem-se à variância dos dados. A

Tabela 1. Comparação entre iniciativas, respostas e o total de participações

Estatística	Participações	Iniciativas	Respostas
Média	45,80	34,37	11,43
Variância	97,75	100,65	21,98
Valor de p	>0,001*		-

* Valor significativo ($p \leq 0,05$) – Teste T de Student (comparando as participações e iniciativas)

Tabela 2. Média do uso dos meios comunicativos nas iniciativas, respostas e total de participações

Participações	Verbal	Vocal	Gestual	Valor de p
	Média (variância)	Média (variância)	Média (variância)	
Iniciativas	66,9 (452,16)	7,6 (74,4)	45,53 (259,84)	>0,001*
Respostas	64,6 (866,24)	0,2 (1,2)	40,79 (898,74)	>0,001*
Total de participações	66,75 (478,02)	5,7(44,25)	42,51 (322,8)	>0,001*
Valor de p	0,92	>0,001	0,89	

* Valores significativos($p \leq 0,05$) – ANOVA

comparação entre os três meios em cada categoria de análise (iniciativas, respostas e total de participações) mostrou, em todos os casos, diferença significativa ($p > 0,001$). A comparação entre o uso de cada meio nas iniciativas, respostas e total de participações mostrou que o único meio no qual houve diferença foi o vocal. A comparação par-a-par evidenciou que os três pares de variáveis foram diferentes entre si ($p > 0,001$ em todos os casos).

Os valores médios da ocupação do espaço comunicativo, bem como o valor de significância encontrado na comparação entre os dados estão discriminados na Tabela 3. O cálculo da ocupação do espaço comunicativo levando em conta todas as participações da criança mostrou diferença significativa quando comparado ao cálculo tradicional (que enfoca apenas as iniciativas).

Tabela 3. Ocupação do espaço comunicativo referente às iniciativas e ao total de participações: valor médio e significância

Estatística	Iniciativas	Participações	Valor de p
Média	39,1	45,77	>0,001*
Variância	42,57	23,15	

* Valor significativo ($p \leq 0,05$) – Teste T de Student

A comparação entre os tipos de resposta (NR, RA, RI e PI) está discriminada na Tabela 4. A comparação par-a-par evidenciou que a categoria RA apresentou um comportamento estatístico diferente das outras categorias.

Tabela 4. Valores da média e variância de cada tipo de resposta nas três situações avaliadas

Tipo de resposta	Média	Variância	Valor de p
Não resposta (NR)	1,66	31,26	
Resposta adequada (RA)	95,96	59,41	
Resposta inadequada (RI)	0,86	4,67	>0,001*
Resposta pragmaticamente inapropriada (PI)	1,63	24,37	

* Valor significativo ($p \leq 0,05$) – Análise de Variância

DISCUSSÃO

Os resultados indicam diferença entre uma análise que considere todas as participações ou apenas as iniciativas. As dificuldades de engajamento social nos quadros do espectro do autismo são em grande parte responsáveis pelo menor número de iniciativas comunicativas e pelas demais dificuldades

pragmáticas^(1,2). De fato, iniciar uma interação e mantê-la nos moldes esperados (isto é, trocando turnos e respeitando a contingencialidade temática) é um desafio para qualquer falante, visto que requer o uso de recursos linguísticos, sociais e cognitivos. Estes são recrutados devido à compreensão social de que as trocas interacionais só se efetivam quando há reciprocidade.

Uma interação recíproca envolve um acordo tácito entre os participantes de que os envolvidos colaborarão para que a comunicação se dê com sucesso. Há objetivos comuns não declarados (mas ainda assim, compartilhados) pelos locutores; o que torna a interação uma complexa vivência social⁽²⁰⁾. Isso significa dizer que as interações são co-construídas e inter-subjetivas, pois os falantes precisam entender o outro e o que ele diz, bem como revelar seu próprio entendimento do que o outro fez⁽²⁷⁾. Esse movimento de revelar e entender é também vivido na interação pela troca de turno e sequencialidade condicional das intervenções que acontecem na interação. A sequencialidade é condicionada por aquilo que foi dito/feito anteriormente e que irá, em alguma medida, determinar o que será dito/feito subsequentemente. Para participar de uma interação, como uma conversa, por exemplo, a pessoa precisa entender e responder apropriadamente⁽¹⁹⁾, sendo que, para isso, não apenas o conteúdo é importante, mas também a forma como a contribuição é feita⁽²⁰⁾.

As análises pragmáticas das funções comunicativas avaliam, por natureza, os movimentos de iniciativas. Considerar o movimento inverso, isto é, a responsividade, possibilita que entendamos o quão participativo um determinado indivíduo se mostra em uma situação. Com isso, somar informações de responsividade às relativas às iniciativas fornece informações sobre a estrutura geral da interação. Tal consideração mostrou diferença estatística ao considerarmos o total de intervenções da criança na troca e a ocupação do espaço comunicativo (Tabelas 1 e 3, respectivamente). Ao considerarmos apenas as iniciativas, tendemos a não responsabilizar o paciente pela construção de uma troca que seja colaborativa, pois não lidamos com sua capacidade de ajustar-se aos nossos pedidos e demandas. A análise bidimensional – considerando as iniciativas e respostas – valoriza a dupla participação na comunicação, isto é, ser falante e ouvinte; movimento também considerado pelas diretrizes de troca de turno e de adjacência. Os trabalhos que avaliam a ocupação do espaço comunicativo^(25,28,29) mostram que os pacientes tem sempre uma menor taxa em tal ocupação. Porém o “espaço” de comunicação é uma criação virtual que se dá durante a troca e só pode ser entendido à luz do estilo da interação. Alguns

dos trabalhos citados⁽²⁸⁾ também apontam que os terapeutas usam funções relacionadas a pedidos, o que implica em um desejo de resposta por parte do outro. Se os terapeutas fazem mais pedidos, é desejável que seus pacientes respondam a tais solicitações, ainda que isso, até o momento não tenha sido considerado nas análises funcionais.

O uso dos meios comunicativos mostrou que apenas o meio vocal apresentou diferença significativa na comparação entre as respostas, iniciativas e total de participação (Tabela 2). Isso pode ter relação com o menor uso de recursos validatórios por crianças do espectro do autismo, visto que muitos destes são marcadores vocais⁽³⁰⁾. Além disso, espera-se que uma resposta ofereça novas informações, ratifique ou retifique a fala anterior, sendo que os recursos verbais (úteis especialmente no primeiro e terceiro casos) e gestuais (útil no segundo caso) prestam-se a tal papel com maior fidelidade.

O surpreendente resultado diferenciando as “respostas adequadas” dos demais tipos de resposta diferencia-se de outros trabalhos^(13,21). Ele pode estar relacionado ao contexto em que a interação ocorreu, no qual as informações sobre objetos e eventos estavam circunscritas ao ambiente imediato, familiar para adultos e crianças. Ou seja, em uma interação construída sob uma proposta específica, o número de variáveis a se lidar é menor e as construções linguísticas tem seus elementos referenciais em um ambiente físico – e lúdico – mais circunscrito⁽⁶⁾. Ou ainda, por tratar-se de uma proposta cuja exigência não recaía sobre o fator emocional, os participantes não tiveram dificuldades em responder apropriadamente⁽²¹⁾. A possibilidade de discriminar (e não apenas identificar) o grau de ajuste entre a solicitação do adulto e a resposta da criança fornece informações sobre o nível de compreensão e o tipo de dificuldade dos sujeitos⁽¹⁸⁾, possibilitando abordagens de intervenção mais efetivas.

Esta pesquisa tem como uma de suas principais limitações o reduzido corpus de análise, que é, no entanto, usual em estudos que se atenam a microanálises mais laboriosas⁽¹⁹⁾. Outras pesquisas podem avaliar se em uma amostra mais significativa permanece a diferença na análise das iniciativas e do total de participações. Outra limitação diz respeito ao tipo de interação analisado. Esta pesquisa contou com gravações de terapia com uma temática específica. Outros tipos de interação (por exemplo, trocas sociais no ambiente residencial, na escola, ou ainda trocas livres) podem apresentar resultados diferentes dos encontrados aqui.

CONCLUSÃO

Analisar a responsividade e considerá-la no entendimento do perfil comunicativo de crianças do espectro do autismo fornece informações sobre a estrutura global das interações e as habilidades comunicativas mais amplas. Tal informação tem um inegável valor na avaliação da linguagem, mas pode ser especialmente valiosa no planejamento terapêutico, considerando que entender o quão assertiva e responsiva uma criança é, possibilita-nos compreender que tipo de comunicador temos diante de nós e que passos devemos empreender para alcançarmos uma maior efetividade comunicativa.

* LPM foi responsável pela coleta e análise dos dados e elaboração geral do artigo. FDMF contribui na elaboração geral do artigo e conclusão.

REFERÊNCIAS

1. Whitehouse AJO, Maybery MT, Durkin K. Evidence against poor semantic encoding in individuals with autism. *Autism*. 2007 May;11(3):241-54.
2. Harris GJ, Chabris CF, Clark J, Urban T, Aharon I, Steele S, et al. Brain activation during semantic processing in autism spectrum disorders via functional magnetic resonance imaging. *Brain Cogn*. 2006 Jun;61(1):54-68.
3. Folstein SE, Rosen-Shedley B. Genetics of autism: complex aetiology for a heterogeneous disorder. *Nat Rev Genet*. 2001 Dec;2(12):943-55.
4. Volkmar FR, Pauls D. Autism. *Lancet*. 2003 Oct 4;362(9390):1133-41.
5. Thompson L. The development of pragmatic competence: past findings and future directions for research. *Current Issues in Language and Society*. 1996;3(1):3-21.
6. Witteck A, Tomasello M. Young children's sensitivity to listener knowledge and perceptual context in choosing referring expressions. *Applied Psycholinguistics*. 2005 Oct;26(4):541-58.
7. Carston R. Linguistic meaning, communicated meaning and cognitive pragmatics. *Mind & Language*. 2002 Feb-Apr;17(1-2):127-48.
8. Silliman ER, Diehl SF, Bahr RH, Hnath-Chisolm T, Zenko CB, Friedman SA. A new look at performance on theory-of-mind tasks by adolescents with autism spectrum disorder. *Lang Speech Hear Serv Sch*. 2003 Jul;34:236-52.
9. Halliday MAK. *Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning*. Maryland: University Park Press, 1978.
10. Adams C. Practitioner review: the assessment of language pragmatics. *J Child Psychol Psychiatry*. 2002 Nov;43(8):973-87.
11. Hage SRV, Resegue MM, Viveiros DCS, Pacheco EF. Análise do perfil das habilidades pragmáticas em crianças pequenas normais. *Pro Fono*. 2007 Jan-Abr;19(1):49-58.
12. Hale CM, Tager-Flusberg H. Brief report: the relationship between discourse deficits and autism symptomatology. *J Autism Dev Disord*. 2005 Aug;35(4):519-24.
13. Eigsti IM, Bennetto L, Dadlani MB. Beyond pragmatics: morphosyntactic development in autism. *J Autism Dev Disord*. 2007 Jul;37(6):1007-23.
14. de Villiers J, Fine J, Ginsberg G, Vaccarella L, Szatmari P. Brief report: a scale for rating conversational impairment in autism spectrum disorder. *J Autism Dev Disord*. 2007 Aug;37(7):1375-80.
15. Colle L, Baron-Cohen S, Wheelwright S, van der Lely HK. Narrative discourse in adults with high-functioning autism or asperger syndrome. *J Autism Dev Disord*. 2008 Jan;38(1):28-40.
16. Goldman S. Brief report: narratives of personal events in children with autism and developmental language disorders: unshared memories. *J Autism Dev Disord*. 2008 Nov;38(10):1982-8.
17. Paul R, Orlovski M S, Marcinko HC, Volkmar F. Conversation behaviors in youth with high-functioning ASD and asperger syndrome. *J Autism Dev Disord*. 2009 Jan;39(1):115-25.
18. Adams C, Lloyd J. Elicited and spontaneous communicative functions and stability of conversational measures with children who have pragmatic language impairments. *Int J Lang Commun Disord*. 2005 Jul;40(3):333-47.
19. Bishop DVM, Chan J, Adams C, Hartley J, Weir F. Conversational responsiveness in specific language impairment: evidence of disproportionate pragmatic difficulties in a subset of children. *Dev Psychopathol*. 2000;12(2):177-99.
20. Branigan HP, Pickering MJ, Pearson J, McLean JF. Linguistic alignment between people and computers. *Journal of Pragmatics*. 2010 Sep;42(9):2355-68.
21. Adams C, Green J, Gilchrist A, Cox A. Conversational behavior of children with Asperger syndrome and conduct disorder. *J Child Psychol Psychiatry*. 2002 Jul;43(5):679-90.

22. Geils C, Knoetze J. Conversations with Barney: a conversation analysis of interactions with a child with autism. *South African Journal of Psychology*. 2008;38(1):200-24.

23. American Psychiatric Association. Manual de diagnóstico e estatística de transtornos mentais – DSM-IV. 4a ed. Porto Alegre: ArtesMédicas; 1995.

24. Organização Mundial da Saúde. CID-10: classificação de transtornos mentais e de comportamento a CID-10: critérios diagnósticos para pesquisa. 10a ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1993.

25. Moreira CR, Fernandes FDM. Avaliação da comunicação no espectro autístico: interferência da familiaridade no desempenho de linguagem. *Rev Soc Bras Fonoaudiol*. 2010;15(3):5.

26. Fernandes FDM. Pragmática. In: Andrade CRF, Befi-Lopes DM, Fernandes FDM, Wertzner HF. ABFW: teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática. 2a ed. Carapicuíba: Pró-Fono; 2004. p.83-97.

27. Garcez PM. A perspectiva da análise da conversa etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In: Loder LL, Jung NM (org). *Fala-em-interação social: uma introdução à análise da conversa etnometodológica*. Campinas: Mercado das Letras; 2008. p.17-38.

28. Miilher LP, Fernandes FDM. Análise das funções comunicativas expressas por terapeutas e pacientes do espectro autístico. *Pro Fono*. 2006;18(3):239-48.

29. Amato CAH, Fernandes FDM. O uso interativo da comunicação em crianças autistas verbais e não verbais. *Pro Fono*. 2010 Dez;22(4):373-8.

30. Marchuschi LA. Análise da conversação. São Paulo: Ática; 2007.

Anexo1. Perfil Funcional da Comunicação – Ampliado

Nome: _____ Diagnóstico: _____
 Avaliadora: _____
 DN: _____ Idade: _____ Data: _____ DVD: _____

Tempo	_____ minutos
Atos comunicativos	A _____ % Participações
	C _____ % Iniciativas _____ %
	Total _____ % Respostas _____ %
Atos comunicativos por minuto	_____
	Nº de funções
	Funções interativas _____
	Atos interativos _____

Função	Meio	N	%	Função	Meio	N	%	Função	Meio	N	%				
PO	VE VO G	— — —	— — —	PS	VE VO G	— — —	— — —	PI	VE VO G	— — —	— — —				
RO	VE VO G	— — —	— — —	C	VE VO G	— — —	— — —	N	VE VO G	— — —	— — —	Respostas	Meio	N	%
EX	VE VO G	— — —	— — —	NF	VE VO G	— — —	— — —	XP	VE VO G	— — —	— — —	NR	VE VO G	— — —	— — —
EP	VE VO G	— — —	— — —	PA	VE VO G	— — —	— — —	PC	VE VO G	— — —	— — —	RA	VE VO G	— — —	— — —
PR	VE VO G	— — —	— — —	E	VE VO G	— — —	— — —	AR	VE VO G	— — —	— — —	RI	VE VO G	— — —	— — —
PE	VE VO G	— — —	— — —	JC	VE VO G	— — —	— — —	J	VE VO G	— — —	— — —	RPInap	VE VO G	— — —	— — —
NA	VE VO G	— — —	— — —	RE	VE VO G	— — —	— — —	TOTAL	VE VO G	— — —	— — —	Tot.Resp	VE VO G	— — —	— — —